

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

GLÓRIA MARIA DUTRA WOLFF  
(XINHA CALLEJERA)

DESBUROCRATIZANDO RELAÇÕES

AFETIVIDADE: UMA INTELIGÊNCIA SOCIO/EMOCIONAL

MATINHOS

2018

GLÓRIA MARIA DUTRA WOLFF  
(XINHA CALLEJERA)

DESBUROCRATIZANDO RELAÇÕES

AFETIVIDADE: UMA INTELIGÊNCIA SOCIO/EMOCIONAL

Monografia/TCC apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor de Matinhos - Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em educação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). **ÂNGELA MASSUMI KATUTA**

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA  
NOVA EDUCAÇÃO



## PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Angela Katuta**, realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Glória Maria Dutra Wolff**, sob o título “DESBUROCRATIZANDO RELAÇÕES AFETIVIDADE UMA INTELIGÊNCIA SÓCIO/EMOCIONAL”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dra. Angela Katuta  
Professora Orientadora

Dr. Valdo José Cavallet  
Professor Integrante

Dra. Lenir Maristela Silva  
Professora Integrante

Glória Maria Dutra Wolff  
Estudante

**Conceitos de aprovação**  
APL = Aprendizagem Plena  
AS = Aprendizagem Suficiente

**Conceitos de reprovação**  
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente  
AI = Aprendizagem Insuficiente

*Dedico essa monografia a todos que passaram de alguma maneira em minha vida,  
por meio das relações, dos estudos, dos filmes, músicas, artes, pela luta cotidiana  
etc. Que deixaram aprendizagem em minha trajetória.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a todos os seres vivos e a mãe terra que se mantém resistente, proporcionando o ar que respiro, água que bebo, fogo que me aquece e a terra que me alimenta.

A mim mesma por batalhar todos os dias me dedicando para saúde mental para que conseguisse viver os encontros e estudos.

A família que com todas nossas diferenças me apoiaram de alguma maneira.

Aos que construíram esse encontro, também a tarrafa ANE.

As Funcionárias(os) que mantêm a Universidade Federal do Paraná - Setor litoral resistindo e funcionando.

A coletiva Gulabi Antifa por sua amizade , resistência e luta.

A todas que lutaram e lutam por uma educação, saúde, moradia, cultura de qualidade para todos!

A todos espaços underground, punk, hip hop, reaggae de cultura alternativa.

Aos movimentos sociais que proporcionam espaços de luta , resistência e ocupação das ruas da cidade pelos nossos direitos.

As amigas que estão sempre a prontidão para conversar e acolher não só a parte boa do que vivemos mas também as difíceis que nos doem e fazem sofrer.

Agradeço profundamente todos espaços de terapia alternativa que trabalham para que todas nós podemos avançar na nossa própria espiritualidade.

Ao Ateliê Ponto de Luz que junto com Luca Cruz proporciona um espaço para concretização das práticas , colocando nossos sonhos na Materialização.

Agradeço a Katuta pela oportunidade e carinho em olhar para a escrita da trajetória de maneira analítica apresentada.

A todas e todos que resistem na rua que acreditam e lutam por dias melhores, por uma sociedade mais justa, menos desigual e especificamente mais amorosa.

*"O verdadeiro foco da mudança revolucionária nunca é somente a situação opressiva da qual almejamos escapar, mas aquele pedaço do opressor que está plantado dentro de todas e todos nós." Audre Lorde*

## RESUMO

Neste memorial apresentamos a trajetória de vida uma educadora/educanda do curso de Pós graduação em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral. Relatamos informações que registram parcialmente o que foi vivido, estudado e sentido, os caminhos percorridos para seguir confiando em um Brasil mais justo, menos desigual. O projeto principal focou na investigação na área da afetividade, que é uma inteligência emocional/social, partindo do contexto da educação formal, informal e não formal. Assim, por meio de ferramentas voltadas a metodologias participativas, elaboramos oficinas por meio das quais os participantes experimentaram a possibilidade de entender sua própria desburocratização pessoal, percebendo-se como indivíduo não afastado do outro e sim como coletivo, compreendendo que somos mais fortes juntos, transformando as próprias angústias em conteúdos para uma construção social baseada na aproximação com o outro e não no afastamento. Dessa maneira, ocorreu a compreensão em coletivo da importância de uma organização Horizontal e de formação de lideranças circulares.

Palavras-chave: Desburocratização; Autogestão; Afetividade; Relações Sociais.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – CONANE BRASÍLIA	19
IMAGEM 2 – ENCONTROS AGROECOLÓGICOS	21
IMAGEM 3 – CONHECENDO SÍTIO APICULTOR	21
IMAGEM 4 – ATIVIDADES COM LABIRINTO	22
IMAGEM 5 – CONSCIÊNCIA NEGRA	23
IMAGEM 6 – SAEB 2017	24
IMAGEM 7 – BANCA ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL	25
IMAGEM 8 – PROJETO EDUCAR E BRINCAR NO BALANÇO DA MARÉ	26
IMAGEM 9 – NÃO É SÓ 8 DE MARÇO	27
IMAGEM 10 – CARTAZES DIVULGAÇÃO	27
IMAGEM 11– QUEBRANDO PADRÕES COLONIAIS	28
IMAGEM 12– QUEBRANDO PADRÕES COLONIAIS	28
IMAGEM 13– VELA ARTESANAL	29
IMAGEM 14– DELEGAÇÃO DA UFPR/SETOR LITORAL - EPOTI	30
IMAGEM 15– BRINCADEIRA POPULAR	30
IMAGEM 16 – FELTRO COSTURA COM JOLCINEIDE	31
IMAGEM 17 – ÁRVORE DO PROBLEMA - ICH	32
IMAGEM 18 – EGRESSOS DO CURSO CIÊNCIAS	33
IMAGEM 19 – CARTAZ ESCRITA CRIATIVA	34
IMAGEM 20– ENCONTROS ANEANOS	34
IMAGEM 21– DRAGOM DREAM - MARIA RITA	35
IMAGEM 22 – CARTAZ CAMINHADA DA PAZ	36
IMAGEM 23 – FLYER DE APRESENTAÇÃO MONOGRAFIA	39



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. MEMÓRIA DE VIDA	3
3. RELATO	15
3.1 ORGANIZANDO A MUDANÇA	16
3.2 MATINHOS UMA CIDADE CAIÇARA	17
3.3 INCORPORANDO OS APRENDIZADOS	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
5. REFERÊNCIAS	42

## 1 INTRODUÇÃO

Este projeto está sendo materializado desde o ano 2013 com intuito de levar a todos os gestores e participantes das instituições de ensino o conhecimento sobre a inteligência social/emocional baseada na ação da afetividade como ferramenta para construção de uma gestão pautada em ação para cidadania mais justa e igualitária construída coletivamente.

A primeira ação desse projeto foi realizada na XXVII SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO E X SEMANA DE PEDAGOGIA 2015: Desafios Contemporâneos para a educação: rumos a partir do PNE, realizada na Reitoria da Universidade Federal do Paraná - Curitiba, o público da oficina que participou é ativo na gestão das escolas.

Derivado desse processo, em parceria com a rede ANE, pude aprofundar as reflexões sobre a importância da produção de teias de vivências com os comportamentos e sentimentos sociais, entendendo as hierarquias, construção histórica da educação e da vida cotidiana, marcas que a burocracia<sup>1</sup> exerce sobre nosso olhar afetivo em relação com o outro, experimentando com encontros, espaços culturais, vivências a fim de construir um olhar de afetividade entre todos que participam do processo de conhecimento. Desse modo, pretendeu-se explorar e desenvolver uma pesquisa aberta, contemplando todos os meios das relações, dentro do ambiente formal, informal e não formal. Com a mediação desse projeto posso contribuir com as sementes dos estudos e práticas participativas, podendo juntos pensar a realidade da escola por um viés afetivo<sup>2</sup>.

A mediação do significado de autonomia, autogestão e democracia, buscando por definições construídas coletivamente tendo como base a afetividade em grupo

---

<sup>1</sup> “BUROCRACIA ADMINISTRATIVA ANCORADA NA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA QUE, DE ALGUMA FORMA, ENQUANTO ESTRUTURA DE MODELO, TRANSFORMA AS ESCOLAS EM PEQUENAS EMPRESAS, DISTANCIANDO AS RELAÇÕES E AS SUBSTITUINDO POR PAPÉIS DE ORGANIZAÇÃO” REFERÊNCIA : DUTRA, GLÓRIA MARIA. DESENVOLVENDO UM OLHAR AFETIVO - DESBUROCRATIZANDO AS RELAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, CAP. 3.1 P. 20 - MONOGRAFIA DO CURSO SUPERIOR EM ARTES VISUAIS

<sup>2</sup> “OLHAR O OUTRO COM AFETO É DAR A POSSIBILIDADE PARA QUE O INDIVÍDUO POSSA EXERCER SUA INDIVIDUALIDADE COM RESPONSABILIDADE E RESPEITO PELO PRÓXIMO, ENTENDENDO QUE É POSSÍVEL LIDAR COM AS EMOÇÕES.” REFERÊNCIA : DUTRA, GLÓRIA MARIA. DESENVOLVENDO UM OLHAR AFETIVO - DESBUROCRATIZANDO AS RELAÇÕES NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO, CAP. 3.3 P. 23 - MONOGRAFIA DO CURSO SUPERIOR EM ARTES VISUAIS

problematizando as relações hierárquicas construídas por uma gestão vertical.

O projeto teve como objetivo construir um olhar mais afetivo dentro do ambiente de aprendizagem, podendo assim abordar questões para compreender a importância de uma política que busque a horizontalidade, quebrando administração vertical, desburocratizando as relações de poder.

Dentro da educação e seu cotidiano institucional, por meio de experiências pessoais desde do jardim de infância e quando entrei no fundamental I, II e nível Médio, quando me formei em uma universidade fui observando de forma mais concreta o lugar da afetividade, percebendo que é algo negado por muitos que convivem diariamente em espaços educacionais em nome da “relação profissional”.

Por meio do forte questionamento desde minha experiência enquanto educadora no espaço de formação inicial, pude verificar que se abordam os conteúdos do currículo nacional mas também compartilhamos valores. Assim, a cidadania é de extrema necessidade, para tanto se faz necessário a construção de um espaço afetivo para possibilitar além da aprendizagem de conhecimentos científicos, aqueles ligados à inteligência social e emocional.

Tendencialmente vivemos atualmente em uma educação excludente por falta de empatia e solidariedade com os demais que não tem ou não possuem possibilidades de participar desses espaços por conta das adversidades da vida, porém, a educação não deveria se pautar em mera meritocracia e sim em cooperação com os demais, incentivando todos que fazem parte da comunidade local a necessidade de compreensão da importância dessa instituição, sendo o acolhimento mútuo fundamental entre comunidade e escola.

Mas como podemos fazer isso? Quem são os agentes responsáveis por essa transformação? Quais as ferramentas que podem auxiliar nessa proposta de trabalho? Como podemos fazer dos problemas locais nossa maior potencialidade? Como olhar de uma maneira mais afetiva para os processos educativos e seus agentes?

## **2 MEMÓRIA DE VIDA**

Meu nome institucional é Glória Maria mas prefiro ser chamada por Xinha, tenho 29 anos, sou formada pela Universidade Federal do Paraná no curso de Artes Visuais – Licenciatura no ano de 2015, mas antes de chegar até aí nas linhas que seguem apresento alguns fatos que fizeram parte do caminho para encontrar essa formação acadêmica, experienciados enquanto educadora, pesquisadora, artista visual e ativista.

Sempre me senti uma pessoa diferente e em vários níveis sofri preconceito ao longo da minha caminhada: dentro de casa, na escola, nos relacionamentos, no trabalho, praticamente em todas as áreas da vida.

Porém, havia um lugar que me possibilitou ser eu mesma e que auxiliou a construir a maior parte da minha identidade e instrução fundadas em ideais de autonomia e liberdade: os movimentos de rua, contracultura como o punk, o hip hop junto aos movimentos sociais.

Passei por muitas dificuldades de adaptação a qualquer instituição, por falta de instrução, acolhimento ou paciência com o tipo de pessoa que fui me tornando, era bastante agressiva, ficava na defensiva o que já me fez ouvir que “não teria futuro”, a escolha sempre era pela rejeição, negando o acolhimento. Isso sempre me incomodou e, de alguma maneira, essa vivência construiu meu olhar de uma maneira mais crítica para as relações que estamos construindo no século XXI.

Mesmo com experiência ruins, tive pessoas que me ajudaram de várias maneiras a acreditar nesse potencial e seguir por outros caminhos que acolheram a pessoa que eu sou, de forma afetiva. Fui percebendo que se o ser humano pode ser todo esse atraso, ele também pode ser muito bom para o avanço e não falo aqui de avanços tecnológicos e sim de humanidade.

Sou uma mulher que nasceu de uma mãe Advogada, Professora, Terapeuta. Cresci em um lar que as pessoas chamam de “desestruturado” pois não havia uma relação saudável entre meus pais e muito menos relação boa com meus irmãos mais velhos, a base para uma boa estrutura é o amor, e mesmo que se fale muito dele, na prática tivemos um grande déficit.

Desde os 14 anos idade na qual tinha mais autonomia para sair até o centro da cidade fui tendo mais contato com movimentos punk, anarquistas e antifascistas, minhas influências fortes e reais vieram da rua, foi onde construí correntes e conhecimentos que me fizeram resistir e ser a pessoa que sou, acreditar em um bom lugar ao invés de lembrar das paredes que deixei construir dentro de mim, agora sigo quebrando-as.

Como sou cria da resistência, depois de tanto me amargar trabalhando no comércio de Curitiba, percebi em um processo de autoconhecimento que sim, posso cursar uma universidade e fui o que eu fiz, focada na burocracia do diploma para poder estar dentro do universo da educação. Assim, pude discutir as feridas e a aprendizagem que construí em meio a experiências em espaços educativos informais, formais e não formais.

Para seguir com meu propósito de instrumentalizar as instituições públicas que estão abandonadas pelo estado coloquei em prática a solidariedade, cooperação, empatia, horizontalidade. Auxiliando na construção de um espaço que realmente atenda a diversidade e às novas e velhas demandas que nosso planeta está exigindo no atual contexto do modo de produção capitalista que desdobra em desigualdade social que beneficia uma parcela pequena de pessoas.

A trajetória que fui percorrendo e construindo experiências foram diferentes com pessoas extremamente interessantes, aliás sempre fui uma pessoa que adoro conversar e me comunicar. Sempre com sede de compreender e de modificar a realidade, combater a estrutura desigual é uma das habilidades mais ricas que movimento antifascista me trouxe.

O interesse de escrever esse trabalho surgiu quando eu percebi o quanto a minha observação sobre o ambiente escolar refletia minha experiência dentro dessa instituição de ensino, percebendo que eu com minha pluralidade, não pude me expressar com todas as minhas possibilidades, o lugar e o momento em que estava em formação, a direção estava ocupada demais, professores não me ouviam, pedagogos não me compreendiam e o corpo estudantil me estigmatizava. Sim! Fui aquela aluna que sempre levava reclamação para casa e que, ao mesmo tempo, não era compreendida por ninguém e somente era taxada como rebelde e indisciplinada.

Reprovei, parei de estudar e, em um processo dentro de uma instituição de dependentes químicos, me vi na necessidade de uma formação, para que conseguisse ao menos um trabalho. Foi o que eu fiz, voltei e terminei meus estudos, mas já sem interesse nenhum em aprender, mas somente tirar a nota suficiente para passar.

Segui a vida trabalhando no comércio, e chegou um momento da minha vida que aquilo já não era suficiente para mim, ganhar dinheiro não era suficiente, eu precisava de uma vida, eu precisava viver, conhecer! Assim resolvi me arriscar a tentar uma universidade.

Hoje, estando na universidade e tendo que estar de acordo com as exigências desse ambiente, tive que novamente moldar meu corpo e minha mente.

Nas minhas experiências escolares passadas, a leitura e a escrita foram as minhas maiores carências e, agora, além de precisar delas e de ter acesso a novas informações, também tenho que trabalhar com materiais e estudos cujas bases não foram aprendidas no ambiente que deveria tê-los desenvolvido. A arte como também a educação física, que trabalha com o corpo, são, talvez, as disciplinas mais precarizadas da educação, assim como filosofia, sociologia. Infelizmente o modelo tradicional limita o pensamento dos educadores que estavam dando a aula. Acho que praticamente todos saem da escola com uma lacuna a ser preenchida, ou até desanimados a preenchê-la. Muitos poderiam prestar vestibular para artes,

filosofia, educação física, sociologia, filosofia mas o que acaba acontecendo é que estes são, muitas vezes, como um espaço vazio na formação.

No estágio obrigatório da licenciatura, eu voltei para escola onde havia me formado no ensino médio e tive muitos problemas de estar nele, mesmo já havendo estudado e ser conhecida por todos. A burocracia fez com que eu desse muitas voltas para conseguir autorização e que algum professor interno me orientasse, esse tempo, que eu poderia estar gastando com observação e outras atividades do estágio, até mesmo, um tempo maior para desenvolver a pesquisa de interesse, podendo contribuir para a melhoria deste espaço que frequentei por um bom tempo. Mas não tive apoio de muitos, o que me fez cansar várias vezes e até ouvir coisas desnecessárias de julgamento raso. Entende-se a escola como um espaço político, sendo assim, deveria ser um lugar mais democrático mais receptivo. Teve gente que tentou estágio, e já de primeira tiveram a negativa, dessa forma, as instituições escolares estão se negando a construir relações de oportunidade!

Só consigo me lembrar de vivências mais concretas como educanda na escola a partir do sexto ano, em que comecei a perceber por mim mesma que a escola era um ambiente extremamente ameaçador. Um ambiente onde sempre eu teria que me proteger de julgamentos e do que seria melhor para mim. Nada do que eu ouvia ou sentia em relação às pessoas que me orientavam me passavam segurança; e na maioria das vezes, sentia que a necessidade delas era de me colocar em alguma caixa que determinasse o que eu realmente era. Para alguns, eu precisava de ajuda psicológica caso não me encaixasse em nenhuma expectativa.

Escola, para mim, é um lugar frio, sem cor, fechado, de presença obrigatória, onde se criavam grupos divididos, normatização e precarização dos corpos, uniformização, hegemonia – o meu problema era que agradar as pessoas desse círculo sem ser eu mesma, era algo que não me interessava muito. Sempre fui uma pessoa extremamente espontânea, não conseguindo nunca esconder minha agitação e minha vontade de estar no mundo. Por estar fora do considerado comum na concepção moral e midiática, acabei me afastando dos próprios colegas

de turma. Foi mais quando estava inserida no ensino médio que consegui ter uma aproximação maior, porém, estava sempre acompanhada de outros educandos que também eram estigmatizados.

Desde nova sempre fui uma criança extremamente agitada, a famosa aluna que não parava no lugar. Até pouco tempo atrás eu me julgaria ou diria que eu deveria ter algum problema de aprendizagem, mas, na verdade, o que percebo hoje é que meu problema nunca foi “aprender”, mas o método utilizado: o professor fala e x aluno escuta. Isso não funcionava comigo, eu precisava de algo mais, queria sair daquela sala fria e entender ciência, arte e o que acontecia com o mundo, sentindo a ciência e não somente vendo e lendo ela por um livro, aquelas informações não eram suficientes para segurar um corpo cheio de curiosidades; para mim, sobreviver em uma caverna, não era suficiente.

Muitos professores não tinham paciência comigo e eu, por consequência, acabava não tendo paciência com eles. Por que um lugar fechado traria mais informação do que um espaço aberto onde você poderia sentir o sol tocar sua pele? Eu queria estar lá fora, queria entender as coisas e o que acontecia lá fora, nunca queria estar dentro daquelas grades e portões da escola.

Poucos foram os funcionários que tinham um contato comigo, na sua maioria eram as famosas “tias”, aquelas pessoas maravilhosas que te entregam um chazinho, caso estivesse com uma dor de barriga, ou um puxãozinho de orelha sobre certas atitudes cotidianas.

Desde nova, eu senti que somos colocados em uma posição e nunca nos perguntaram em que posição queremos estar. Eu queria experimentar o corpo, meu corpo podia muito mais e em cada obrigação, eu queria desafios e sem eles uma parte de mim sempre morria.

Uma das coisas mais importantes que eu senti morrer em mim, foi a curiosidade, a falta de vontade de estar no mundo; quando você escuta diariamente que é um problema e que não tem solução, acaba por internalizar aquela sensação, sentindo-se impotente diante o julgamento do outro, e esquecendo-se de si mesmo;



começa a se auto julgar para não efetivar as ações que incomodavam muitos professores, pedagogos e a direção.

Nunca fui uma aluna muito popular, pois o preconceito ainda era muito grande na época, o que muitas vezes me deixava em situação de isolamento que por muitos anos me acompanhou, o medo de me abrir para o outro começou a ser extremamente constante.

Essa minha experiência me possibilitou pensar em como as pessoas em sua posição hierárquica de administração da instituição, afastaram-se, me colocando como aluna no último patamar hierárquico de voz, isso acabava por desenvolver um não diálogo, falavam mais de mim do que comigo.

Mesmo que a escola fosse voltada para o aluno, no final das contas, o interesse não parecia ser esse exatamente e sim como ele sairia da instituição. Então como desenvolver uma conversa com desinteresses? Por aí começou meu interesse por observar a questão do afeto, como desenvolver um olhar afetuoso em meio a tantos olhos de julgamento?

Já no meio acadêmico que pensei que seria um lugar diferente, porém, também não foi tão acolhedor assim, fui me virando e traçando várias trajetórias começando pelo estágio feito na antiga instituição onde me formei no ensino médio Colégio Estadual Professora Maria Aguiar Teixeira, tendo uma experiência bem ampla sobre como eu vivenciei esse lugar e voltando como colaboradora.

Trabalhei no Museu de Arqueologia e Etnologia com as caixas didáticas em um projeto chamado “Museu vai a escola” que também apoia e tem parceria com projeto “ver com as mãos” que trabalha a acessibilidade de pessoas cegas.

Atuei também no Museu Oscar Niemayer atendendo todos os públicos com oficina e mediação para todo tipo de público. Trabalhei no Centro de pesquisa no solar do barão que é uma biblioteca, que me deu acesso a vários livros juntamente com o pessoal da ação educativa e artistas locais.

Trabalhei no Centro Social Marista Ecológica, atuando como professora substituta, que me fez olhar de forma mais interna , mas agora como educadora para o mundo da educação pública e privada.

Por último nos dois anos e pouco de 2015, 2016 e 2017 eu participei do projeto Gente Arteira da Caixa Cultural com a mediação para as escolas, com público de crianças até idosos, participando ativamente dos projetos desenvolvidos, atendendo de forma gratuita colégios estaduais e municipais.

Também participei de espaços não formais: Mongaba com poesia periférica, El quinto com artistas de rua, Rádio gralha com a discussão da mídia independente e o Antifa16/Gulabi Antifa que é um coletivo de mulheres de Curitiba que se organizam para lutar contra violência de gênero.

Para aprofundar essa ideia de espaço não formal, no ano de 2014 no prédio destinado ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFPR, que se localiza na rua General Carneiro, aconteceu um conflito com a chapa Quem está passando é o bonde, gestão 2015 e um grupo de alunos junto com a comunidade que formaram coletivos para desenvolver atividades no prédio que estava parcialmente desocupado.

Tradicionalmente, o prédio em que fica o DCE é um espaço destinado a ações estudantis, onde estudantes deveriam ocupar para transpor suas teorias em práticas. Nesta ocasião, participei da organização e atividades com o coletivo chamado Espaço Libertário Casa da Árvore (ELCA).

Esse espaço teve seu início do ano final do ano de 2013 com reuniões e organização de base. Com um tempo de permanência no prédio do DCE observando o espaço cotidianamente, os integrantes do coletivo perceberam que havia uma falta de cuidado do mesmo e dos materiais que eram deixados lá para desenvolvimento das atividades. Por perceberem a má administração da nova gestão, decidiram trazer novas possibilidades para revitalizar o espaço, desenvolvendo novas propostas de ações e mediação entre estudantes e

comunidade, com a intenção de que aquele espaço pudesse estimular cada vez mais a autogestão e cooperatividade.

Aproveitando a amplitude do prédio, outros coletivos que também já ocupavam os demais andares, cada um desenvolvendo atividades diferentes e atuando do seu modo.

Particpei como ouvinte ativa nas atividades dos demais coletivos que ali ocupavam; como, por exemplo, no terceiro andar, em que estava instalada a Rádio Gralha e no quinto andar com El Quinto. Estes coletivos se estruturavam a partir de práticas e teorias totalmente diferentes. O coletivo ELCA, do qual eu fazia parte, era mais ligado a ação direta – com políticas mais libertárias, buscando a autonomia de uma autodefesa para todos os gêneros. Por que a autodefesa? Um exemplo bem recente: diante das políticas agressivas do Estado, como vimos na manifestação dos professores no dia 29 de março do ano de 2015, a autodefesa nada mais é do que uma ferramenta para sua própria proteção. Tendo como ação também apresentação de sessões de cinema com debate sobre a questão do antifascismo e demais atitudes que buscam uma vida emancipatória de autonomia, autogestão e solidariedade.

O coletivo rádio gralha já buscava uma outra forma de se colocar, vindo pelas correntes eletromagnéticas que ultrapassam as mídias burocráticas do nosso sistema, abrindo uma mídia totalmente independente e livre, sendo cultivada por aqueles que queriam colocar suas vozes de revolta no ar da cidade curitibana e que acreditam fortemente em um ambiente democrático voltado a expansão das mídias independentes. Particpei juntamente com a Marjory, compa de luta com o programa “ A hora do chá” onde convidávamos mulheres para conversar sobre política.

O coletivo El Quinto com seus artistas marginalizados, os famosos artistas de rua, muitos eram viajantes que estavam de passagem e por ali deixavam os grandes aprendizados das estradas do mundo e a pluralidade da vida em conjunto com estudantes, propiciaram oficinas de malabares, reaproveitamento de alimentos, fotografia, expressão corporal, zines, artesanatos, pintura, desenho,

escrita criativa, reciclagem, entre outras oficinas oferecidas por pessoas que por ali passavam e viviam em coletivo, praticando a cooperação.

Esses três ambientes me fizeram ver a multiplicidade que somos e como buscamos encontrar pessoas que compartilham suas experiências e afetividade com compromisso, responsabilidade e principalmente respeito.

A busca dos três coletivos nada é fortalecer a autonomia daqueles que querem aprender, trabalhar em conjunto e encontrar um modo diferente de viver sem se sentir sufocado pela preocupação da sociedade voltada para uma economia que impulsiona a desigualdade e a cada dia desumaniza todos nós.

Construir um ambiente público voltado para novas possibilidades de extensão do conhecimento, praticando efetivamente uma autogestão que incluía todos aqueles que queiram fazer parte do espaço, sem discriminar – destruindo, assim, as amarras construídas pela burocracia estudantil.

Chamo de burocracia estudantil a atitude da gestão do DCE naquele momento que afirmou que só disponibilizaria o local se eles mantivessem o controle sobre as atividades desenvolvidas e sobre como ocorreria a ocupação. Isso era o que já acontecia antes e resultou no estado de abandono do local.

E essa foi a briga política que levou ao atual abandono do prédio e das atividades do DCE. Os três coletivos descritos anteriormente começaram a ocupar esses espaços ao observar que os mesmos estavam sendo inutilizados, estabelecendo uma nova rotina, vida e sentido para esses lugares. Ressignificado aquele ambiente, abriu-se possibilidades de formação para a emancipação – os coletivos que buscavam esse ambiente, o faziam para transformar suas angústias de ver uma sociedade extremamente individualista, capitalista e distanciada do afeto e do cooperativismo.

Este espaço era um lugar onde as pessoas construíam pensamentos livres para sentir e agir por si mesmas, externalizando sua espontaneidade, sem medo nem receio pois estavam estabelecidos de modo contrário aos ambientes de muita burocracia, que exigem das pessoas um suposto “profissionalismo” e até mesmo

apresentação, que acaba distanciando-as da amorosidade, de entender as necessidades e demandas das outras pessoas.

Nesse ambiente eu tinha muito mais facilidade de acesso, não me impediam de vivenciar minha forma de me colocar no mundo, apresentava e participava de projetos como: o de isopogravura, expressão corporal e cinedebate feminista, auto defesa, organizações cotidianas com organização interna e, quando ofertava oficina tinha um retorno direto e honesto, tendo uma vivência, não somente de passar o que eu sabia – mas de reestruturar o que eu já sabia com o outro, assim, abrindo novas possibilidades.

Sei que minha experiência, ou seja, o que vivi neste espaço, é muito maior do que é possível relatar aqui, que poderia ficar escrevendo por muitos anos para descrever sua especificidade e contrapô-la ao quanto esse ambiente administrativo/hierárquico vertical, no qual estive imersa durante a maior parte de minha vida, não me possibilitou e ainda está longe de possibilitar um espaço onde eu realmente entenda e aja com o mundo de forma responsável e com o básico de empatia e respeito com a minha vida e com a de milhares que aqui nesse país vivem.

Mas, de todas estas experiências, o que me deixou mais abismada foi perceber como o poder cega as pessoas, como as deixa egocêntricas, como prejudica uma maioria que busca um espaço, pelo direito de, no mínimo, falar e de praticar o exercício da cidadania.

Mesmo com várias reuniões com o Movimento Estudantil, e com mais de quatro assembléias deliberativas, as pessoas que faziam acontecer processos nesse espaço, integrantes dos coletivos, não tiveram o mínimo de voz, perto de estudantes que já são atuantes na juventude política do estado; que conseguiram, com seu poder político, entregar o poder de escolha para a burocracia, para reitoria que, na madrugada do dia 1 de março de 2015, conseguiu exigir da justiça a reintegração de posse do prédio, chamando a polícia federal para esvaziá-lo.

O evento que se desenrolou neste dia foi muito violento, apesar da Reitoria afirmar que a desocupação foi “pacífica”. Tivemos 1 hora para retirar os materiais que utilizamos e a estrutura que havíamos construído em mais de 8 meses para desenvolver atividades.

Isso possibilitou ver como o Estado e suas instituições, em geral, controlam ações dos que fogem dos seus processos de controle, daqueles que rejeitam a estrutura administrativa estabelecida e tentam instituir modos diferentes de articulação; ver como não há diálogo, nem conversa para que uma decisão menos agressiva pudesse ocorrer, além de atitudes xenofóbicas, racistas, machistas, preconceituosas que aconteceram durante o tempo em que habitamos o espaço, perpetradas por diferentes pessoas que utilizam de argumentos discriminatórios para desqualificar todo o movimento da Okupação, com acusações de que imigrantes não poderiam estar ali, que era um bando de drogados, pobres, vagabundos...

Os ocupantes, no processo em que passaram ali, com dias sem água e luz, sofreram ataques discursivos com panfletos e folders que os acusavam de contaminação da água do restaurante universitário e os chamavam de invasores, passaram por um processo muito pesado de boatos e de discriminações que, depois da desocupação quando saiu laudo, houve a confirmação de que não havia nenhuma água contaminada.

Estas experiências mostraram como algumas políticas universitárias acabam se tornando invasivas e destrutivas nos seus encaminhamentos que, no lugar de acolher a ideia e caminhar junto, acabam optando pelo silenciamento... hoje o prédio continua lá, em silêncio.

Todo esse processo fez com que eu olhasse de uma maneira bem crítica, assim a participação nos movimentos sociais me acrescentou, me auxiliou a avançar, a entender um pouco mais como esse caminhar foi e é importante para minha formação como ser humano. Entendi também que precisamos trabalhar muito para garantir uma real democracia.

Para construção do primeiro projeto com teoria e prática dentro da universidade optamos pela elaboração do TCC cujo tema questiona como a burocracia pode prejudicar as relações interpessoais.

O instrumento que utilizei foi um modelo de oficina desenvolvido para Semana de Ensino Pesquisa e Extensão do Curso de Pedagogia da UFPR em 2015 em uma atividade em grupo de professoras e pedagogas. Utilizei autores como Paulo Freire, Ivan Llich, Marshal Rosenberg, Rolando Toro, Silvo Gallo, Tiao Rocha, Jose Pacheco, Maria Lacerda de Moura e outros, assim, buscando compreender caminhos que possibilitem um olhar afetivo no sistema de ensino das escolas. Além desta fundamentação teórica, foram utilizados como referência documentários como: Escolarizando o Mundo, Descolarização, Quando Sinto que já Sei, Educação proibida, vídeos de Claudio Naranjo e outros...

Na caminhada de pesquisa fui conhecendo outros projetos que foram desenvolvendo ainda mais meu olhar. Durante a formação experimentei a Universidade de Matinhos nas quartas feiras de ich, palestras e atividades proposta para comunidade.

Tenho privilégio de conhecer o Espaço Sideral que é autogestionado por mulheres onde me aprofundei ainda mais na questão de violência de gênero, liberdade e ecofeminismo. Dentro dessas atividades participei com meus materiais visuais que sempre abordam de forma agressiva a minha raiva, meu suporte é a pixação, lambe, zine, rabisco, arte de rua.

Há mais ou menos uns 3 anos tenho tido uma ligação direta com Matinhos, fui uma das palestrantes do Primeiro fórum de Enfrentamento à violência contra mulher em 2016, representando a coletiva que atuo diretamente em Curitiba falando sobre autodefesa para mulheres. E participei de algumas palestras sobre educação e feiras.

E em colaboração com a UFPR LITORAL busquei construir métodos alternativos para educação dos afetos com olhar crítico agindo junto a comunidade sobre a estrutura das escolas públicas do século XXI. Que possamos cada vez

mais acreditar nas novas possibilidades, em modelos que mais irão quebrar muros do que construí-los! A universidade de Matinhos sempre se manteve presente para construção de projetos responsáveis para com a diversidade dos seres.

Quero elaborar com a especialização novos métodos que possibilitem um olhar mais carinhoso sobre educação, com responsabilidade, maturidade, empatia, agindo de forma transparente de acordo com a realidade e a cultura de cada comunidade /região desejando construir com todos e participando de forma crítica e ética.

### **3 RELATO**

#### **ATO DA INSCRIÇÃO**

Uma pessoa muito angustiada com o mundo, acordava todos os dias às 7 da manhã para voltar às 17h para casa, todo dia em seu pedalar pensava: o dia seguinte será melhor. Muito dedicada a sempre querer fazer o seu melhor, não contava que isto estaria lhe dando visibilidade a toda uma construção hierárquica de poder onde trabalhava. Certo dia de reunião extraordinária uma empresa terceirizada a contratou para trabalhar naquela instituição, fez uma breve entrevista para mapear como as coisas andavam. Eu era ouvida como nunca fui, tinha um espaço e uma base de trabalho que construí porque a coordenação geral confiava em mim. Pela primeira vez em uma reunião, fui elogiada tanto pela minha coordenadora do projeto quanto pela coordenação da Caixa cultural, uma mulher que nem olhava para mim, estava falando de quanto eu era importante para aquele lugar. Mas, infelizmente as pessoas que trabalhavam comigo na parte de mediação, não se viram contentes com o reconhecimento que eu estava recebendo, por infelicidade essas mesmas pessoas estudavam na mesma universidade que eu, o que já me adiantava o que essas pessoas falavam de mim. Sempre com seus pré julgamentos me colocavam em um lugar que não me cabia. Só pelo fato de eu quebrar os padrões normóticos, me julgavam por tantas coisas, que até eu ficava em choque e me perguntando: “de onde esse povo tira isso?”. Algo que era para ser para nós positivo, para mim transformou minha vida em um



aquário de inferno, a garota que mediava comigo não aceitou muito bem a situação e a partir daí comecei a enfrentar situações de assédio moral, atropelamento nos procedimentos de trabalho, essa pessoa manipulou muito bem as situações. Chegou um certo período que não suportava as emoções negativas e pedi demissão, mas o meu coordenador amoroso fez de tudo para que eu me mantivesse e afirmou que ele estaria junto comigo. Nesse processo fiquei sabendo da pós graduação em Matinhos, um local em que eu estava me organizando há 7 anos para querer morar, pois Curitiba para mim estava sendo um ambiente muito doentio. Me firmei na empresa e me inscrevi para a pós. Depois que eu passei e comecei a participar dos encontros e ainda com a contradição em relação à cidade e, ao mesmo tempo, tendo que aguentar os maus tratos da colega de trabalho que tomava ações para me prejudicar no trabalho, não queria sair por uma atitude negativa, pois minha vontade era muito instintiva de fazer uma merda, assim, fiz pedido de minha demissão em lágrimas, me desligando da empresa.

### **3.1 ORGANIZANDO A MUDANÇA**

Cheguei em casa desesperada pois estava pela primeira vez, pedindo demissão de um local que eu estava amando trabalhar, que conseguia compreender a importância dos trabalhos no mundo de maneira mais ativa. Porém, aquela frase “tudo que é bom, dura pouco” é algo muito presente nesse caminhar pela vida.

Arrumei minhas malas, abracei minha mãe e dei adeus à vida que eu vivia desde os meus 7 anos, Curitiba nunca foi um ambiente muito amoroso, mas me protegia e eu era acolhida, além disso, meus trabalhos em relação a violência de gênero estava enfurecendo homens que, por privilégios, não avançam de maneira sensível à percepção das oportunidades que são dadas em suas vidas em uma sociedade que separa o que é de menino e o que é para menina. Deixando as lágrimas e abraços para as manas da coletiva onde tenho amizade de mais de 10 anos. Todas sentiram minha falta, pois é, eu também. Pois foi nesse grupo onde voltava a ter minhas forças para conseguir continuar a vida nas horas de angústia, eu só desejava a morte, morrer em solidão.

Ser diferente em uma sociedade normótica é carregar o peso da indiferença, exclusão, exposição e marginalização.

### **3.2 MATINHOS UMA CIDADE CAIÇARA**

Chegando em Matinhos com várias feridas abertas sangrando, entrei em um período para recuperar minha saúde mental, cheguei primeiramente para cura do stress crônico e me foi indicado viver poucos momentos de adrenalina, mas, como sou teimosa, desde quando cheguei me enfio em tantas coisas, que fui me esquecendo de mim mesma novamente.

Conhecendo pessoas que me desestabilizaram, mas também conhecendo pessoas que me auxiliavam no aprofundamento e que compreendiam melhor os meus processos fui avançando aos poucos na minha cura interna, com a presença de **MAPU HUNI KUI E ISAKA HUNI KUI** na universidade de Matinhos ufpr - litoral com seu forte conhecimento nas medicinas naturais e sua afetividade sem igual.

Particpei do Templo da Mãe Milla (Axé Templo Natural Flor de Ouro e Maria Padilha) que é uma estudante da Universidade do curso de artes, lá tive oportunidade de me curar espiritualmente, não totalmente, pois essa é uma cura que será para vida toda. Pude participar da organização da casa e perceber o quanto estamos doentes e que quando nos juntamos no coletivo, se não há um interesse de entender isso todos podem levar a carga dos processos organizativos para lado pessoal, criando desavenças, antipatia, relação de hierarquia vertical e de desrespeito. Como sempre fui uma pessoa que se doa, estava novamente me enfiando em situações que me exigiam adrenalina para lidar com as relações, além de já estar desanimada com ANE, pois como vim de uma universidade com uma Política Pedagógica totalmente diferente, tive várias crises para começar a entender o que estava acontecendo, assimilar o que os mediadores estavam nos querendo passar e foi um processo (ainda é) muito doloroso. Tive que retornar às feridas de uma maneira direta, além de novamente participar de um espaço onde eu não me sentia parte, muito menos confortável. Então estava decidida novamente a desistir

de algo, só não sabia o que.... Eu me retirei dos trabalhos da Casa Axé Templo Natural Flor de Ouro.

Particpei de duas CONANES (CAIÇARA - BRASILIA) numa perspectiva mais de observação do que participativa, estava em um processo de identidade muito complicada, não conseguia absorver muitas informações, mas me arrisquei a ir vivenciá-las, tive dificuldade de compreender o modelo do evento que as duas CONANES estavam oferecendo: formação de grupos por interesses de temas, algo extremamente amplo, que eu com a condição emocional em que me encontrava, não pude absorver os conteúdos, porém, observei mais a organização, como estavam as apresentações, se quem foi convidado realmente quebrava o modelo “eu falo , você escuta” e também observando os grupos que compunham o evento e a parte cultural também, que é a parte que mais me chama atenção Vivemos em um país que seus materiais didáticos e construções metodológicas, em geral, excluem as riquezas da cultura popular. Isso eu digo porque sempre em meus cronogramas de artes, o que é evidenciada é a arte europeia, História da Arte é pautada na história da arte européia, isso eu posso dizer que vem sendo estruturado desde meu processo da universidade e, anteriormente na escola pública. Por sorte tive acesso a artistas brasileiros, mais ainda pessoas que viajavam muito para exterior “trazendo” sua “inovações”. Então observei com muito carinho as intervenções culturais que o evento compartilhou conosco. Pensar novas Alternativas vai além de somente focar em processos educativos em instituições de ensino e aprendizagem, é importante compreender que todo espaço é educativo. Viajamos para CONANE Brasília, o que foi de muito bom grado, pois estava tendo dificuldades em me socializar com o grupo, mas curti as pessoas do que exatamente o evento, tivemos várias situações no decorrer da viagem que nos levaram a chegar em outro tempo no evento, assim, uma das únicas atividades que eu consegui absorver, foi uma oficina de sensibilização. Como eu trabalho com a questão do afeto, emocional, a atividade de sensibilização em laboratório estimulou minha curiosidade do trabalho que estou desenvolvendo com a inteligência emocional e social, a pensar o conhecimento

como um sensibilizador, trazendo a informação de forma mais prática, divertida e sensorial.



Imagem 1 - CONANE BRASÍLIA  
Fotografado por: Priscila (2017).

Quando havia chegado na cidade a Fernanda Pasquale que é uma das idealizadoras da COAMAR - Comunidade de Aprendizagem Maria Da Restinga que fica dentro da Universidade Federal de Matinhos me acolheu me perguntando se eu não tinha interesse em fazer alguns trabalhos visuais para eles. Além de eu fazer parceria, fiz uma amiga, uma pessoa que me oportunizou conhecer o projeto e acompanhá-los em alguns processos burocráticos. A COAMAR na estruturação recebeu várias intervenções da direção, havendo também dificuldades de comunicação, a Maria da Restinga, continuou existindo e resistindo com seu projeto educativo voltado para educação infantil em comunidade de aprendizagem, possibilitando vivências diferenciada às crianças que percorrem os corredores da Universidade. Valorizando o brincar! Junto com os trabalhos visuais, participei do processo de intervenção da espiral de ervas na praça central de Matinhos e da festa junina para arrecadação financeira para o projeto.

Além da Fernanda, Adriana Eli Souza e Contra- Mestre Neri da Costa Pescador do Projeto Educar e Brincar no Balanço da Maré me possibilitaram vivências incríveis com seus projetos: capoeira lúdica e questão ambiental com a carcaça dos peixes que fazem parte da comunidade de pescadores da região de Matinhos. Pude

conhecer melhor o trabalho dos pescadores, as carcaças, o trabalho dos pescadores suas histórias e, principalmente, entender um pouco mais o processo histórico da cidade. Com a capoeira pude conhecer ainda mais o grupo Zoeira Nago, o Mestre Bacico, observar e absorver todo histórico que o mestre traz sobre a capoeira nessa região e seus processos educativos com a história dos negros que vivem nessa terra, valorizando cultura afro-brasileira.

Fui convidada nesse processo para participar de 1 dia de atividades no Colégio Estadual Tereza Ramos pela Samira e, dentro desse espaço, aprofundi a relação com um cara muito gente fina chamado Willson que trabalha com jogos agroecológicos, hortas e estruturas geodésicas com bamboo. Visitei seu projeto na Escola Tereza Ramos, localizada no bairro tabuleiro da cidade, junto participei no local com trabalho de AutoCuidado para informar as secundaristas sobre a violência de gênero dentro do ambiente escolar, oferecendo junto com a roda de cultura, a ferramenta de intervenção urbana, o lamb. Pude mapear necessidades, entender um pouco o contexto que as adolescentes do Tabuleiro vivem, me disponibilizando a construir algo com elas. Nesse mesmo processo conheci o trabalho do Marcos com a desformação, que é um projeto que se interliga muito com a proposta que tenho construído.

Por todo esse processo de conhecer projetos e participar, fui conhecendo melhor a universidade, vivenciando saídas de campos e aulas expositivas com o curso de agroecologia e também participando das movimentações culturais e de resistência na instituição. No evento sobre a visibilidade lésbica do dia 29 de agosto de 2017 fui contribuinte de um ensaio fotográfico. Assim, tive participação ativa em processos formais e não formais de educação.

A seguir uma imagem onde junto com estudantes de Agroecologia e educadores nos encontramos para festejar os encontros, brindar as ações e celebrar as amizades. Imagem 3 é uma viagem até um sítio em São José dos Pinhais onde fomos mediados por querido apicultor Marcos.



Imagem 2: ENCONTROS AGROECOLÓGICOS  
Fotografado por Zé (2017)



Imagem 3 – CONHECENDO SÍTIO APICULTOR  
Fotografado por: Pedrinho (2017).

Você já teve interesse em trabalhar conteúdos de uma maneira diferente? Eu sim e me deparei com várias maneiras já em minha vida, sou a prova que mais aprendi brincando e uma das possibilidades que pude conhecer em meio essa rede Ane, foi a vivência com os Labirintos pela educanda Camila Haubert: *“Os labirintos são arquétipos da jornada de autodescoberta do ser. Os processos que podemos vivenciar a partir da experiência com este símbolo são múltiplos. Seu traçado original*



*é um caminho único que leva ao centro. É um símbolo que existe para ser percorrido ativamente.*“

As “despedagogas” da Casa Labirinto (Curitiba-PR), Fabi Machado e Romã Rettamozo facilitaram a experiência com labirintos e conversaram sobre as possibilidades deste símbolo para quem busca ideias lúdicas e criatividade no trabalho com as crianças. Como adultos somos a extensão da criança, o que cabe a ela, cabe a nós educadores também vivenciar e absorver em nossas vivências, pois isso só amplia nossa humanidade. A imagem a seguir mostra um dos momentos da atividade com labirintos:



Imagem 4 – ATIVIDADES COM LABIRINTO  
Fotografado por: Fernanda Pasquale (2017).

Relembrando três das vivências que tive Colégio Estadual Abigail dos Santos Correa com o projeto da Nahyr Carneiro: Conhecendo uma Unidade de Conservação perto da minha escola: vivenciando o Parque Estadual Rio da Onça, também presente na apresentação indígenas Guarani do povo Araçai que vieram de Piraquara e o evento do dia da consciência negra em novembro junto com Fernanda Lucas Santiago e outros participantes. Foram vivências muito enriquecedoras, conheci muitas pessoas que me ajudaram aprofundar conceitos, modificar ideias e maneiras de agir no mundo que antes, pela perspectiva que tinha, não alcançava o mesmo olhar que essas pessoas que fizeram essa partilha comigo me possibilitaram. Conhecer o Parque Rio da Onça é uma entrada é um dos quebra-cabeças que fazem parte dessa vida que pulsa na cidade de Matinhos, sua

valorização é de extrema importância. Em seguida a imagem da vivência no dia da consciência negra com Fernanda Santiago.



Imagem 5 – CONSCIÊNCIA NEGRA  
Fotografado por: Luana (2017).

O Projeto Consciência Negra foi desenvolvido a partir de algumas músicas brasileiras na escola **ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA ABIGAIL DOS SANTOS CORREA** com Fernanda Santiago, um dia com bomba de informação e muita música, utilizando das letras a educadora trabalhou a questão racial e as violências que a população negra enfrenta no cotidiano.

Dentro desses processos participativos fui convidada pela Fernanda Pasquale a trabalhar como apoio dela do SAEB (Prova Brasil) onde todas as escolas do município se inscrevem para aplicação de uma prova de conhecimentos para avaliação da educação básica. Percebi nesse processo que a gestão das escolas são estimuladas a participar desses programas para garantir acesso a benfeitorias da estrutura. Diante dessa vivência tive acesso a rede educacional de Matinhos.





Imagem 6 – SAEB 2017  
FONTE: Equipe Saeb (2017)

Voltando a transmissão normal, com o trabalho que desenvolvi nesses anos de movimento social em atualidade com a coletiva que atuo em relação a violência de gênero, Gulabi Antifa, fui convidada para compor uma banca da Universitária Bárbara Antunes da Silva da Especialização em Questão Social pela perspectiva interdisciplinar da Universidade Federal do Paraná - setor Litoral tendo recebido conceito “apl” pela Orientadora Profa. Msc. Mirian Cristina Lopes, realizada no dia 9 de dezembro de 2017 no dia em que completei meus 29 anos com tema “Lugar de mulher: Patriarcado, Capitalismo, Violência contra mulher e educação.

A apresentação da Bárbara foi espetacular, vieram várias mulheres que compõem a coletiva de Curitiba para participar desse momento que é muito importante, em relação ao reconhecimento do nosso trabalho, disponibilizando para educanda nosso trabalho, até hoje dia 17/07/18 aguardo uma declaração ou certificado de nossa participação no evento. Ainda há dificuldade do reconhecimento institucional de nossa presença. Participamos do processo avaliativo, além de possibilitar a educanda ter acesso a materiais que fujam das referências normóticas da universidade, também conhecer mulheres que estão atualmente na luta contra violência de gênero nas ruas da Capital.



Imagem 7 –BANCA ESPECIALIZAÇÃO EM QUESTÃO SOCIAL  
FONTE: Jussara (2017).

Começando o ano de 2018 fui conhecendo profundamente o trabalho do projeto Educar e Brincar no Balanço da Maré, onde o acesso a capoeira me fez trabalhar questões corpóreas que me fazem ter acesso a consciência corporal e emocional trabalhando com os movimentos lúdicos com o mestre Neri Pescador que, junto com Adriana, nos disponibilizaram o espaço para desenvolver duas atividades que ocorreram no mês de março e abril.



Imagem 8 – PROJETO EDUCAR E BRINCAR NO BALANÇO DA MARÉ  
FONTE: LUCA CRUZ (2018)

A Coletiva que milito em Curitiba é formada somente por mulheres e temos atuado no território de Curitiba, especificamente nos bairros periféricos e ultimamente estamos proporcionando várias oficinas às comunidades como: Lamb-Lamb, Zine , auto defesa, autocuidado, organizado marchas, manifestações. Com toda essa bagagem, vim contribuir no território Litorâneo , especificamente na cidade de Matinhos e foram duas ações incríveis com pessoas muito queridas, é nessas experiências que a gente vê a cooperação, a solidariedade acontecer na prática e em parceria com Adriana e o Pescador Neri que cederam o Espaço Cultural Educar e Brincar no Balanço da Maré, as mediadoras Amanda Victoria Olmedo Vega e Thais Oliveira puderam oferecer para comunidade três atividades vinculadas ao pensar sobre AutoCuidado, com atividades corporais, que mexem para além do pensamento do feminismo acadêmico, oficinas que vêm sendo pensadas desde 2017 com outras coletivas que já atuavam na região, com conversas, boca a boca, vendo as necessidades que elas já estavam observando no território, juntamos todas essas informações para a materialização. Foram realizados dois eventos, um no dia 8 de maio (dia internacional da mulher) com dança contemporânea “ A história que nosso corpo conta” mais exercícios de

autoconhecimento e dia 8 de abril com Dança Funk para Jovens Periféricas “Quebrando padrões coloniais”.



Imagem 9 – NÃO É SÓ 8 DE MARÇO  
Fotografia por: Luca Cruz (2018)

A seguir os cartazes que foram feitos por ocasião dos encontros:

<p><b>CAFÉ COM AUTOCUIDADO</b> "NÃO É SÓ 8 MARÇO" (DIA INTERNACIONAL DA MULHER)</p>  <p><b>SOMENTE 18h</b> <b>MULHERES até 20h</b></p> <p><b>PROGRAMAÇÃO</b> <b>18h café com AutoCuidado</b> BORA trazer alimento para compartilhar com as irmãs, chega mais! para juntas partilhar desse momento amoroso e coletivo.</p> <p><b>19h oficina de dança contemporânea e improvisação com Amanda: "Refletindo sobre a história que nosso corpo conta"</b> Haverão só 10 vagas por questão de espaço, porém, terá preferência quem for chegando no evento a partir das 18h já pode diretamente pedir o seu ingresso. É GRATUITO</p> <p><b>Apoio:</b> Educar e brincar No balanço da Maré ENDEREÇO: ROQUE VERNALHA N 658 CENTRO - MATINHOS (Entre os bombeiros e a ponte)</p>  	<p><b>CAFÉ COM AUTOCUIDADO</b> "QUEBRANDO PADRÕES COLONIAIS" <b>08. 04. 2018</b></p>  <p><b>"A arte e a prática de amar começam com nossa capacidade de nos conhecer e afirmar". Bell Hooks</b></p> <p><b>SOMENTE MULHERES</b></p> <p><b>PROGRAMAÇÃO</b> 15h Oficina/ laboratório de dança. " Danças ancestrais, ritmos atuais" O empoderamento do corpo feminino através do funk Oficineira: Taís de Oliveira Valente Publico alvo: Mulheres jovens periféricas ENTRADA GRATUITA</p> <p>Educar e brincar No balanço da Maré ENDEREÇO: ROQUE VERNALHA N 658 CENTRO - MATINHOS (Entre os bombeiros e a ponte)</p>  
--	--

Imagem 10 – CARTAZES DIVULGAÇÃO  
FONTE: CARTAZ KARINA DUARTE (2018)





Imagem 11 – QUEBRANDO PADRÕES COLONIAIS  
FONTE: XINHA CALLEJERA (2018)



Imagem 12- QUEBRANDO PADRÕES COLONIAIS  
FONTE: XINHA CALLEJERA (2018)

No processo de pensar todas essas vivências conheci a pessoa que estou morando junto atualmente Luca Cruz, dialogamos sempre a dificuldade que é avançar em projetos autônomos quando não se tem uma base financeira, diante de nossas dificuldades para conseguir apoio monetário para nossas atividades buscamos construir um projeto que nos colocasse diante do aprendizado da autogestão, nascendo assim o Ateliê Ponto de Luz, um projeto construído em parceria, fruto de sonhos com necessidade: MATERIALIZAR!

O ateliê surge através da produção artesanal, inspirado por conteúdos contracorrente, artes, agroecologia, informações que vão além do bem e mal. Sua abertura se deu dentro do encontro que irei abordar a seguir.



Imagem 13 – VELA ARTESANAL  
FONTE: Xinha Callejera (2018)

Tive acesso a vários espaços e projetos dentro da rede ANE que me possibilitou avançar nos contatos e nas parcerias para melhorar minhas referências e maneira de agir no mundo, de maneira mais responsável e humana, diante de toda gama de recomendações, fui convidada a participar do II Encontro de Educação Popular e Terapias Integrativas (EPOTI) no interior de São Paulo, na cidade de Lins. Junto com alguns estudantes pudemos entrar em contato com atividades que proporcionaram trabalhar o campo das emoções e espiritualidade. Me dando cada vez mais o acesso a trabalhar metodologias que se preocupam diretamente com o campo da afetividade e inteligência emocional.



Imagem 14 – DELEGAÇÃO DA UFPR/SETOR LITORAL - EPOTI  
Fotografia por: JAIR (2018)



Imagem 15 – BRINCADEIRA POPULAR  
Fotografia por: FERNANDA PASQUALE (2018)

Voltando à cidade de Matinhos fui refletindo a importância de trabalhar atividades que fugiam da prática cotidiana de estudo, o que me proporcionar espaços que avançassem no sentido de ter autonomia para trabalhar questões pessoais, pois o autoconhecimento é um aprendizado, e esse auto educar é uma das ferramentas que nos possibilitam transformar nossa própria realidade. Me encontrei no espaço da Casa da Cultura onde oferecem atividades de artesanato com Jocineide, yoga com a Vera, Fotografia com Délcio e também um espaço onde

se pode proporcionar atividades para comunidade, enviei dois projetos que estão sendo avaliados pelo **DELICIO RAMOS** desde março de 2018.



Imagem 16 – FELTRO COSTURA COM JOLCINEIDE  
Fotografia por: XINHA CALLEJERA (2018)

A Universidade do Setor Litoral me proporcionou vivências que vão além do âmbito acadêmico, toda quarta feira há um projeto conhecido como (ICH) Interações Culturais Humanísticas onde são oferecidas várias atividades:

São atividades que promovem a interação vertical (estudantes em fases diferentes dos cursos) e horizontal (estudantes de cursos diferentes no mesmo espaço). Nessas Interações, construídas simétrica e dialogicamente entre estudantes, comunidades e servidores, são valorizados os diferentes saberes e lugares culturais que compõem a vida social. Os saberes são problematizados, fortalecendo compromissos éticos e políticos, visando à vivência e o adensamento de relações autogestionárias. (Fonte: <<http://www.litoral.ufpr.br/portal/ufpr-litoral/projetos/interacoes-culturais-e-humanisticas-ich/>>)

Dentro desse contexto, participei da ICH de Metodologias Participativa (Diagnósticos Rurais Participativos) com Suzana Marques Rodrigues Alvares junto com um grupo incrível que acolheu todas as propostas trazidas e participaram de maneira exemplar, quem mediou todo processo e nos proporcionou ferramentas que nos colocaram em contato com roda, jogos cooperativos, DRP (Diagnóstico Rural



Participativo), Ciranda, leituras, gestão de conflitos, Ação Pedagógica Emancipatória e Pedagogia Social. A seguir uma imagem de uma das atividades da ich.



Imagem 17 – ÁRVORE DO PROBLEMA - ICH  
Fotografia por: XINHA CALLEJERA (2018)

Particpei de um projeto chamado “Feira Popular de Matinhos” atuando na construção da estrutura e do acolhimento de todos que participam, junto com projeto de Ateliê Ponto de Luz com Luca, estamos erguendo a possibilidade de materializar tudo o que acreditamos em relação às artes e agroecologia, economia solidária com produtos artesanais que fazemos. Nesse projeto estamos tendo a possibilidade de colocar em prática tudo o que nos foi repassado na ICH Práticas para uma Metodologia Participativa.

No universo do setor litoral pude ter acesso a tantas atividades que chega a transbordar de felicidade meu coração, fui convidada a estar presente no ano de 2017 na semana Visibilidade Lésbica, participei das aulas de agroecologia, tive acesso a outros cursos, biblioteca com referências incríveis, joguei futebol com time formado nas quartas de ICH, assisti palestras que abordavam racismo, cultura popular, machismo, desigualdade social, educação por suas várias facetas pensando no contexto das comunidades também locais onde atualmente estou vivendo.

Algo que me marcou muito foi encontro dos alunos de ciências egressos com os calouros recém chegados a universidade, foi uma troca tão rica, que pude ter acesso a informações sobre Matinhos que em um tempo de 8 meses, não tinha nunca pensado sobre, pude aprofundar reflexões regionais de pé no chão, onde vi mestre Pescador Neri contar sua trajetória dentro da Universidade junto com seu amigo Humberto, foi riquíssimo!



Imagem 18 – EGRESSOS DO CURSO CIÊNCIAS  
Fotografia por: XINHA CALLEJERA (2018)

Dentro das atividades que eu poderia ofertar Samira Xavier me convidou novamente a estar presente no Colégio Estadual Tereza Ramos com atividade que desenvolvo enquanto Artista Visual, a escrita Criativa proporcionando por uma didática diferenciada a reconstruir o interesse pela escrita de uma maneira mais criativa, leve e que inspire os participantes a colocar suas palavras para mundo, se entendendo como sujeito histórico resultante do seu tempo. Quando cheguei ao projeto só tínhamos duas participantes inscritas, mas observando várias pessoas que não sabiam onde estar, eu as convidei a estarem com a gente, tudo ocorreu muito bem e me senti contemplada e acolhida por todos, acredito que juntos criamos um elo para poder aprofundar e externalizar nossa escrita criativa. A seguir o cartaz que foi feito para a atividade:

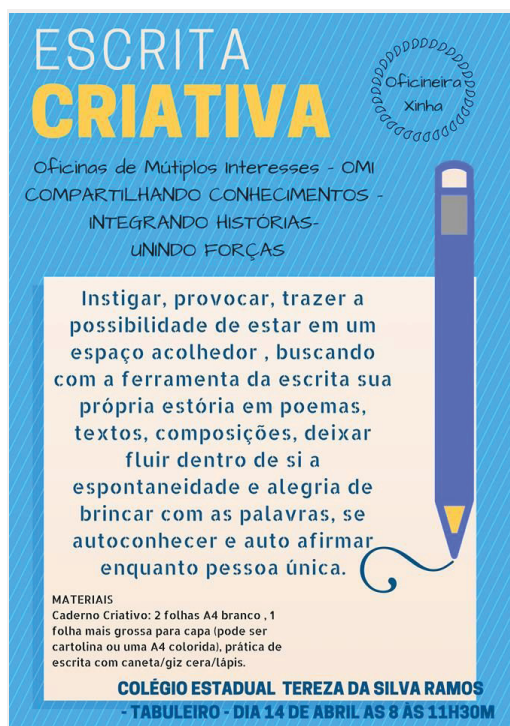


Imagem 19 – CARTAZ ESCRITA CRIATIVA  
FONTE: CARTAZ XINHA CALLERA (2018)

Com a construção das vivências por meio da ANE ocorreram a criação de núcleos para que localmente pudéssemos nos organizar, a princípio, para avançar nos estudos, juntos criamos metodologias para poder compartilhar autores, livros, músicas, histórias, vídeos e materiais que nos auxiliassem a pensar de maneira mais abrangente sobre os temas e autores que conversamos nos encontros centrais da ANE, isso possibilitou entrosamento, autoconhecimento e amadurecimento do grupo.



Imagem 20 – ENCONTROS ANEANOS  
Fotografia por: XINHA CALLEJERA (2018)

No desdobramento dessas organizações, junto com núcleo criamos um evento chamado (Des)formação que possibilita aos participantes da rede ANE e também a comunidade, atividades que ofereciam a ação, pensamento e teoria para pensar maneiras de poder nos organizar. Foram oferecidas 4 oficinas, Marcos conversando sobre a desformação, trazendo metodologias para pensar a realidade dentro das escolas, Camila Haubert com Labirintos Lúdicos, Leticia com oficina de Palhaço e por último Dragon Dream com Maria Rita, todos participantes da rede que já atuam oferecendo seu conhecimento para juntos avançarmos nas estratégias dentro da realidade conflituosa que vivemos, juntando valores que trabalham o sentir, pensar e agir.



Imagem 21 – DRAGOM DREAM - MARIA RITA  
Fotografia por: XINHA CALLEJERA (2018)

Percebendo na vivência da organização do evento pude compreender como a organização e a disciplina são essenciais para construção de um ambiente acolhedor, juntos, tivemos atividades para crianças também, o que possibilitou muitos pais estarem presente pois os mesmos não têm onde deixar suas crianças. O pressuposto era que todo ambiente educador é um espaço onde crianças precisam estar presentes, para ver nos adultos o exemplo, ver na prática todos os valores que desejamos para um futuro melhor, onde as respeitem realmente, incluindo as em todos os espaços onde se encontre a aprendizagem e a humanidade dentro de nós.





Imagem 22 – CARTAZ CAMINHADA DA PAZ

FONTE: EVENTO FACEBOOK

Tanta riqueza em cada detalhe de conflito, de acolhimento, de afeto, dentro de toda essa vivência com a rede ANE pude me encontrar com todos os valores e crenças que estava teoricamente e na ação da prática a desenvolver em meu projeto, o amadurecimento foi constante, a todo momento estava observando e absorvendo toda riqueza dos encontros, das leituras, dos espaços, das viagens, das trocas, dos diálogos, dos conflitos, tudo faz parte de uma trajetória que, além de enriquecer o projeto ao qual estou me dedicando e a todos os trabalhos com ativismo, me enriquece enquanto pessoa, indivíduo, humana, mulher e lésbica.

No dia 07 de junho conheci um bairro educador, um projeto que mexeu comigo profundamente, tudo que eu falava, falava, falava, e desejava, desejava, desejava, vi diante dos meus olhos uma equipe sem igual, viajamos para São Paulo, especificamente para bairro de Heliópolis, ao chegarmos fomos já bem recebidos por toda equipe de apoio. Sabe quando você se encontra em um lugar, onde todos seus pensamentos e crenças fazem sentido? Eu estava ali, querendo devorar toda aquela prática, todas aquelas pessoas incríveis, óbvio que, como em todo lugar, toda alegria se encontra dores, mas isso não faz com que cada pessoa que se dedica àquele local, desista de acreditar nos sonhos, pois quando queremos exercer nossa cidadania na prática, as coisas acontecem, as pessoas se unem, as pessoas buscam se reconhecer, se modificar, porque a necessidade de viver sem violência, sem desigualdade, sem crueldade é mais forte do que qualquer coisa.

Participamos de um encontro com todos que estão idealizando junto com a comunidade, uma educação mais humana, mais presente, mais comunitária, foram diálogos que encheram meu coração de esperança. Construir um bairro educador, leva tempo, dedicação, organização, necessita construir parcerias que vão além da instituição, os movimentos sociais são valorizados, são vistos e fazem parte do processo. Políticas públicas e afirmativas são palavras que fazem parte da construção de Heliópolis. Sou muito grata por cada passo, pela dedicação, pelo amor, pela esperança que aquela comunidade está buscando e construindo para fazer valer a democracia que tanto sonhamos.

Com toda essa carga ideológica, essa carga participativa e de aprendizagem, voltei para litoral com mais gás do que imaginava, quando você encontra pessoas que estão pensando na mesma frequência, te faz sentir a esperança na prática.

Fomos convidados em época de copa a visitar um projeto que está sendo construído em Valadares na cidade de Paranaguá, na região litorânea do paraná, uma cidade que eu já havia visitado na época que estava mais ativa no movimento punk, mas não tinha olhado de maneira mais profunda que agora volto com 29 anos, tomei banho aos meus 20 anos debaixo da ponte de Valadares, será que essa vivência era um aviso? Que logo voltaria ali estar? Pois bem, voltei, mas agora com outro olhar.

Conhecemos Colégio Graziela Almada Diaz que fica em VALADARES/Paranaguá onde estão construindo com a ANE essa rede para fortalecimento das ações e da construção de um pensar em um bairro educador, afinal, onde nós temos um estado que não fornece base para uma melhora, todos temos responsabilidades para que esses lugares se mantenham ativos e vivos, e isso na prática só acontece quando há uma horizontalidade no processo, foi muito lindo ver no olhar de todas as educadoras o ar da esperança, o ar de que é possível sim pensar em Alternativas para uma Nova Educação, espero poder visitar esse projeto e também poder oferecer apoio para inspirar e renovar a energia, pois lutar contra corrente não é algo fácil e sim desafiador.

Minhas vivências inspiradas por essa construção com ANE não irá parar, estava desanimada por todo processo que estava passando, mas com toda essa

trajetória, dentro de mim reavivou a vida, a esperança, a perseverança, a resiliência e principalmente quando estou pensando o afeto, estou pensando nos meus afetos, a relação com as minhas amigas melhoraram, a relação com a minha família amadureceu absurdamente, a relação de trabalho, de estudo também melhorou e principalmente, a relação comigo mesma, o afeto comigo e o respeito que tenho dedicado a minha pessoa, ao meu processo, a minha vida, está sendo incrível, é muito bom poder respirar o amor que desejamos a nós mesmos, as nossas relações e a todas as pessoas que em volta de nós estão a construir esse novo mundo com a gente. AVANTE!

### **3.3 INCORPORANDO OS APRENDIZADOS**

Dentro de todo esse processo eu construí uma folha onde conseguisse expor as principais vivências e ideias que fui vivendo no decorrer do curso, como uma maneira de voltar a comunidade e registrar o que estou fazendo dentro da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, é importante fazer esse retorno por toda valorização do processo que vivenciei por meio dessa egrégora.

Utilizei de instrumentos para construção dessa folha, ferramentas que foram pesquisadas dentro das metodologias participativas, onde aprendemos a simplificar as vivências de um modo visual, mais prático, mais orgânico e com menos informação possível, pois a essência não se encontra em um papel, se encontra nos encontros. Dentro das práticas educativas com o outro pensemos de forma a integrar sempre o pensar, sentir e agir, pois a mente não é separada do corpo, nem o corpo da mente.

APOIO: REDE ANE

III CONANE CAIÇARA-UFPR LITORAL

LABORATÓRIO : PENSANDO A  
DESBUROCRATIZAÇÃO DAS RELAÇÕES  
AFETO UMA INTELIGÊNCIA SOCIAL/EMOCIONAL

APOIO: ATELIE PUNTO DE LUZ

XINHA CALLEJERA

**VARAL DAS IDÉIAS**

RODA ARTEVIDADE CORPO  
Metodologias REDE  
Participativas SABERES  
NATUREZA AFETO  
DESIGUALDADE SOCIAL,  
ÉTNICA, GÊNERO E  
SEXUALIDADE

Pensar  
Sentir  
Agir

TERAPIAS INTEGRATIVAS  
EDUCOMUNICAÇÃO CULTURA  
AUTOCONHECIMENTO  
AUTOGESTÃO EMOÇÕES  
GRUPO ESTRATÉGIA  
COOPERAÇÃO POLÍTICA

**RIO DAS VIVÊNCIAS**

III CONANE BRASILIA  
PROJETO LUDICO CAPOEIRA  
EDUCAR E BRINCAR NO  
BALANÇO DA MARÉ  
VISIBILIDADE LESBICA  
UFPR LITORAL

AXÉ TEMPLO NATURAL  
FLOR DE OURO  
E MARIA PADILHA

IV Encontro de  
Educação Popular e  
Terapias Integrativas  
Colégio Estadual Abigail  
dos Santos Correa com  
projeto da Nahyr  
Carneiro  
EVENTO ANE  
DEFORMAÇÃO

II CONANE CAIÇARA  
AGROECOLOGIA UFPR  
COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM  
MARIA DA RESTINGA-  
UFPR LITORAL

"DMI - Oficinas de Múltiplos  
Interesses" Samira Xavier  
ESCOLA ESTADUAL  
TEREZA RAMOS  
ICH - UFPR  
METODOLOGIAS  
PARTICIPATIVAS-  
por SUZANA MARQUES  
RODRIGUES ALVARES

20ª Caminhada  
pela PAZ de Heliópolis

FEIRA POPULAR DE  
MATINHOS- UFPR LITORAL

NÚCLEO GRUPO DE  
ESTUDOS ANE

VALADARES - Comunidade  
Aprendizagem Graziela

As "despedagogas"  
da Casa Labirinto  
(Curitiba-PR)

EXPERIMENTO CORPORAL PARA ACESSAR SUA PRÓPRIA DESBUROCRATIZAÇÃO PESSOAL, PERCEBENDO-SE COMO INDIVÍDUO NÃO  
AFASTADO DO OUTRO E SIM QUE JUNTOS VAMOS MAIS LONGE. TRANSFORMANDO AS PRÓPRIAS ANGÚSTIAS EM CONTEÚDOS  
PARA UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL BASEADA NA APROXIMAÇÃO COM O OUTRO E NÃO NO AFASTAMENTO. COMPREENDENDO EM  
COLETIVO A IMPORTÂNCIA DE UMA ORGANIZAÇÃO HORIZONTAL DE LIDERANÇA CIRCULAR.

CONTATO: PONTOLUZDE@GMAIL.COM

Imagem 23 – FLYER DE APRESENTAÇÃO MONOGRAFIA  
FONTE: FLYER XINHA CALLEJERA (2018)



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que a pós graduação ANE - Alternativas para uma nova educação é uma luta contra a hegemonia na educação, busca-se uma construção tendo como base de vários saberes para avanço em uma rede solidária entre todos participantes, fortalecimento da corrente para ações que proporcionem todo espaço educativo, apoio em alternativas de forma mútua para sua própria transformação.

O que eu posso oferecer? O que eu preciso? Foram duas frases que marcaram minha estadia pelo curso e que me fizeram avançar para além do que eu esperava. Oferecendo aquilo que eu já faço e pedindo ajuda para o que eu precisava avançar, processo exaustivo de auto reflexão, autoconhecimento exigindo estar inteira e entregue a outras alternativas que só podem avançar em grupo, pois a multiplicidade de olhar é essencial para construção de uma vivência inteira, prazerosa e cheia de conhecimento.

Dentro da avaliação da rede de vivências que foi se construindo no decorrer do aprofundamento do projeto pude perceber pontos que ainda preciso avançar, como a questão da memória das vivências para registro de uma autocrítica, também praticar mais autonomia, autogestão e principalmente a busca de rede em metodologias participativas que utilizam o corpo como eixo central da vivência. Amadureci muito na questão do tema do trabalho e aprofundamento da reflexão sobre o mesmo, buscando dentro das relações humanas e da rede de vivências uma estrutura crítica, analítica, aprofundada em prática integrativas. Atenta também ao processo teórico, onde com desenvolvimento da autonomia pude encontrar autoras(es) que conversam sobre inteligência emocional , social e que se aprofundam a compreender a subjetividade humana.

Junto com ANE pude proporcionar as/os Companheiras(os) atividades ligada a prática enquanto artista, ativista e arte educadora. Proporcionando acesso a conteúdos e ações que venho construindo em 10 anos de caminhada, como escrita criativa, Autocuidado pelo olhar feminista, proporcionando apoio às práticas dos outros, proporcionando uma troca inesquecível!!!

Concluindo que esse espaço de encontro e de calendário de projetos foi essencial para construir a rede de vivência, ação e história, hoje afirmo com toda certeza, que sem coletivo não se faz educação!!! Continuarei minha pesquisa fortalecida pela rede que está sendo construída pela passagem junto a Ane, que continue podendo ver, viver e participar da luta contra hegemonia educacional, que espaços formais, informais e não formais sejam reconhecidos, pois são de grande importância para colocar em prática a multiplicidade de saberes! Todo espaço é um espaço para aprender!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões da nossa época.)

ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

PÁDUA, Ivone. *Pedagogia do Afeto: a pedagogia logosófica na sala de aula*. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia Afetiva*. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOUSSUMI, Yusaku. AFETOS, SOBREVIVÊNCIA E DESENVOLVIMENTO NA NEURO-PSICANÁLISE. *Revista Brasileira de Psicanálise*, V. 39, n. 3, 2005.

MORIN, Edgar Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.

SOARES, Noemi Salgado *Educação transdisciplinar e a arte de aprender: a pedagogia do autoconhecimento para desenvolvimento humano*. Salvador: EDUFBA, 2006.

EAUPORT, Elaine *Inteligência emocional: as três faces da mente*. Brasília, DF: Teosófica, 1998.

FERREIRA, Nanci; Reis, Sonia; SOUZA, Maria Lizabete. *EDUCAÇÃO BIOCÊNTRICA: A PEDAGOGIA DO AFETO*. *Revista pensamento biocêntrico*, p. 67, nº 12, julho/dez de 2009. Disponível em: <<http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/revista-12-03.pdf>>.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação*. Campinas: Papirus, 1994. 196 p.

DUTRA W. , Glória Maria Desenvolvendo um olhar afetivo - Desburocratizando as Relações nas Intuições de Ensino, cap. 3.3 p. 23. Monografia para obtenção diploma em licenciada em Artes Visuais. Curitiba, PR, 2015.